

A FOTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM DA SEMIÓTICA¹

Giovanna Moreira Cravo²

Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco³

RESUMO

Na sociedade contemporânea é possível observar as crianças sendo bombardeadas com um número relevante de fotografias diariamente. Seja na rua, em casa ou até mesmo em sala de aula. Tendo isto em vista, o presente estudo preocupasse em identificar a importância de se analisar as fotografias de livros didáticos da educação infantil. Com isso, selecionou-se um dos livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação do Governo Federal (MEC), para que fosse verificado como as fotografias estão sendo utilizadas para a representação do conhecimento didático para o ensino fundamental. Afinal, as imagens são importantes fontes de informação e conhecimento na vida das crianças, além de ser instrumento para desenvolver a educação visual das mesmas. Têm-se como objetivo para este estudo identificar, descrever e analisar o contexto de representação das fotografias presentes no livro didático de história do Projeto Coopera para o 5º ano do ensino fundamental infantil. Para tanto, utilizou-se a técnica metodológica de pesquisa documental descritiva exploratória, já para as análises das imagens utilizou-se como técnica a análise semiótica aplicada, definida por Peirce (2005) e Santaella (2005). Obtém-se como resultado do estudo uma análise semiótica aplicada à fotografia de Gonçalves onde representa a Passeata dos Cem mil ocorrida no centro do Rio de Janeiro contra a ditadura militar.

Palavras-chave: Fotografia. Fotografia didática. Análise semiótica.

1. INTRODUÇÃO

A fotografia, além de importante fonte de informação e conhecimento para diferentes públicos, serve de estímulo à criatividade, imaginação, capacidade verbal e de concentração para crianças de diferentes faixas etárias. Por meio dela é possível criar ideais, perspectivas de locais de acontecimentos históricos e até evocar emoções e sentimentos. Dada esta importância, este estudo busca descrever e analisar a utilização de fotografias no dia-a-dia de

¹ Trabalho inscrito para o GT de Comunicação e Educação, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

² Graduanda, UFPR, cravo.giovanna@gmail.com.

³ Doutor, UFPR, rodrigo.botelho@ufpr.br

produtos midiáticos criados especificamente para o público infantil, no caso deste trabalho, os livros didáticos.

Na sociedade contemporânea, é visível como as crianças são bombardeadas por imagens. Elas estão presentes em comerciais, outdoors, livros, revistas, redes sociais, na *Internet* e até mesmo em sala de aula, nos livros didáticos. Nestas publicações, por sua vez, as ilustrações servem como uma estratégia para atrair as crianças para o contexto desejado, além de serem úteis para o desenvolvimento da educação visual. Uma das qualidades e vantagens livro com imagens está em treinar o olhar do leitor de modo a compreender todas as sutilezas artísticas do trabalho que tem em mãos.

No entanto, as fotografias presentes nos materiais didáticos são utilizadas apenas como estratégia ilustrativa ou coadunam preocupações didáticas, históricas e sociais dos temas aos quais estão associadas? As fotografias neste contexto são utilizadas apenas como um recurso de design ou representam preocupações pedagógicas? Elas são capazes de estimular criatividade e emoções? Corroboram para a representação do conhecimento didático necessário? Estas são algumas das preocupações desta pesquisa, que está sendo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O objetivo geral da pesquisa é identificar, descrever e analisar o contexto de representação das fotografias presentes em livros didáticos do ensino de educação infantil. Especificamente os objetivos são analisar os aspectos e representações do conhecimento a partir das fotografias presentes no livro didático de história do Projeto Coopera por meio de Semiótica aplicada; verificar como as fotografias estão sendo utilizadas no material, se apenas de modo ilustrativo ou se complementam o conhecimento dos estudantes; e verificar como a fotografia está sendo representada por meio de um signo, de modo que ela coopere para questões didáticas em sala de aula.

Analisar as fotografias no livro didático para o ensino infantil é de grande valia visto que o governo investe milhões de reais anualmente em ações voltadas para esta finalidade. Exemplo vem do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁴. Dados do Governo Federal (BRASIL, 2015) demonstram que o Programa beneficiou 11.032.122 estudantes em 2015, com um investimento de R\$ 203.899.968,88 para a reposição de livros didáticos do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano.

⁴ O PNLD é um programa do Ministério da Educação direcionado à aquisição e à distribuição de livros aos alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio de escolas públicas em âmbito nacional.

Um dos materiais contemplados em 2016 pelo programa é o livro de história do projeto Coopera (figura 1), que, conforme consta em sua apresentação, pretende estimular a curiosidade e o interesse dos alunos sobre o tema a ser desenvolvido. No material a intenção é verificar os conhecimentos prévios dos alunos por meio da interatividade e da integração de todos no espaço da sala de aula. Desta forma, os estudantes são preparados para a passagem do senso comum ao conceito.

Exemplo desta estratégia interativa buscada pelo livro está no tópico “Começo de Conversa”, que é um ponto de partida para a discussão de determinado tema por meio da leitura da imagem de abertura de unidade, sendo a fotografia utilizada no livro como uma forma de despertar o interesse do aluno. Além do foco da foto de abertura da unidade, o livro contém outras imagens para leitura e atividades relacionadas à temática.

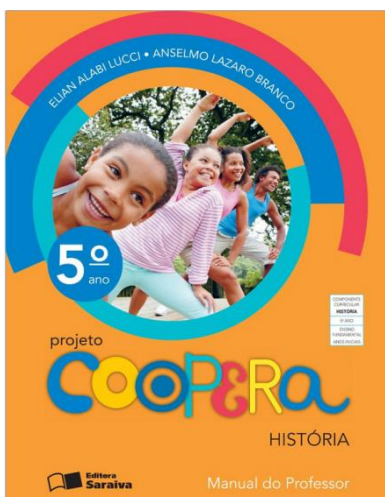


FIGURA 1– LIVRO DIDÁTICO PROJETO COOPERA
FONTE: EDITORA SARAIVA, 2015.

Tendo em vista a introdução deste artigo e o exemplo de utilização da fotografia apresentado no parágrafo acima, este trabalho se dedicará a apresentar os referenciais teóricos e metodológicos que norteiam a pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de Gestão da Informação. A previsão é que sua conclusão ocorra em novembro de 2015.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico tem como intuito apresentar autores que contemplaram os temas abordados neste artigo.

2.1 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Pode-se dizer que a fotografia é a arte de se desenhar com luz, pois sem a luminosidade não haveria foto, ficaria tudo escuro ou preto. Sendo assim, a técnica inicial da fotografia passa por uma exposição luminosa que fixa a imagem em uma superfície sensível.

Desde o início da fotografia pôde-se perceber as inúmeras utilidades que ela teria com aprimoramento de suas técnicas. Com sua evolução, poderia auxiliar em diversas áreas, como a científica, de eventos, documental, subaquática, médica, arquitetônica, publicitária, jornalística, artística, arqueológica, de viagens, entre outras. Contudo, para chegar na tecnologia digital que há hoje em dia muito teve-se que evoluir.

Existem várias histórias sobre a criação da fotografia. Uma delas aponta Louis Daguerre como seu pai. Entretanto, existem outras teorias que afirmam que foi Joseph Nicéphore Niepce o inventor. A realidade é que a invenção da fotografia não se deu por uma pessoa, mas sim por diferentes autores, trabalhando em conjunto ou em paralelo em diferentes locais do mundo ao longo de muitos anos.

Nemes (2014) afirma que, em 1793, Joseph Nicéphore foi um dos primeiros a conseguir “imprimir” a luz em uma superfície sem usar qualquer tipo de tinta. Contudo a imagem desaparecia após algum tempo. Niepce usava uma câmara obscura, parecida com o que conhecemos hoje por pinhole, e um modelo especial de papel com cloreto de prata. Em 1824, o fotógrafo encontrou um método que permitia maior duração das imagens na superfície sensível.

A fotografia 1, abaixo, foi clicada na França, em Saint-Loup-de-Varennes, em 1826, por Joseph Nicéphore Niepce, com a técnica de fixação de maior duração. Conhecida como *View from the Window at Le Gras* (Vista da janela no Le Gras), é a imagem mais antiga a ser preservada no mundo.



AUTOR: Joseph Nicéphore Niepce ,1826.
TÍTULO: *View from the Window at Le Gras*.

FOTOGRAFIA 1 - FOTO MAIS ANTIGA A SER PRESERVADA NO MUNDO
FONTE: NEMES, 2014.

O processo para o clique nesta época durava horas, algumas vezes, dias, tendo que interromper o processo e continuar no dia seguinte dependendo da luminosidade do local. Nemes (2014,p.1) também afirma que:

Em 1834, Henry Fox Talbot criou uma versão bem primitiva do que posteriormente seria o negativo fotográfico, que ajudaria a tornar mais popular a fotografia. Mas foi apenas em 1849 que Louis Daguerre trouxe a arte, que era até então totalmente experimental e complexa, a um novo patamar.[...] Daguerre queria levar a fotografia para mais pessoas e começou a estudar os métodos de Niepce para criar uma forma de criar um mecanismo que até os leigos pudessem utilizar em casa para capturar momentos especiais.

Daguerre, com apoio do governo francês, criou a primeira patente para um processo fotográfico, o Daguerreótipo. O inventor disponibilizou seu trabalho de forma pública para pesquisa, o que o tornou o primeiro método de captura de imagens a ser comercializado em escala, permitindo a popularização da fotografia.

Miklós (2013) afirma que após a criação de Daguerreótipo surgiu a prática da fotografia *Post-Mortem*, que significa após a morte. Esta técnica teve origem na Inglaterra, na era vitoriana (1837- 1901), quando a Rainha Vitória solicitou a um fotografo que fotografasse o cadáver de um parente que havia morrido para guardar de lembrança. Assim começou a prática por meio da qual falecidos apareciam deitados, sentados ou até mesmo em pé, como se tivessem vivos. Além disso, como a fotografia demorava horas para ser tirada, era muito mais fácil fazer um retrato com alguém imóvel, ou seja, morto. A fotografia 2, abaixo, mostra essa prática. É possível observar que a pessoa morta na foto é a mulher que está em pé, pois sua mão está nitidamente mais escura que o resto do corpo, indicando, neste caso, morte.



AUTOR: Desconhecido, s.d.

Nemes (2014,p.1) afirma que depois do daguerreotipo houve inúmeras evoluções fotográficas por parte de diversos autores, como pode ser observado no trecho a seguir:

Frederick Scott Archer — melhorou a resolução das imagens usando emulsão de colódio úmida e barateou o custo de produção de cada fotografia; Félix Nadar — Primeiro fotógrafo a capturar imagens aéreas e um dos primeiros donos de estúdio de retratos; Adolphe Disderi — criou um método de captura e impressão (Carte-de-visite) que barateava os custos de impressão e foi um dos responsáveis pelo sucesso mundial da fotografia de retrato; James Clerk-Maxwell — apresentou, em 1861, o primeiro método de fotografia colorida. Obtida através do uso de três negativos, essa técnica serviu de inspiração para outros pesquisadores; Mathew Brady — juntou uma equipe para, pela primeira vez, fotografar cenas de guerra. Aproximadamente 7000 negativos da Guerra Civil foram feitos entre 1861 e 1865; Ducos du Hauron — pesquisador francês e pioneiro nas técnicas de fotografia colorida. Publicou um dos primeiros livros sobre o assunto; Richard Leach Maddox — inventou o método de fixação das imagens usando uma suspensão gelatinosa, que substituiria a emulsão de colódio úmida, criando as primeiras chapas secas, que tornaram o processo de revelação mais simples.

Após Maddox, George Eastman – fundador da Kodak – obteve a patente de sua máquina com placa de revestimento. Segundo a Multinacional Kodak (2015), em 1883, Eastman surpreendeu o comércio com o anúncio do filme em rolos (figura 2), com o suporte de rolo adaptável a quase todos os tipos de câmera com placa no mercado. Em 1888, seu criador colocou a fundação para fazer a fotografia disponível para todos. Contudo, somente em 1935 a Kodak lançou os Kodachromes, que admitia tirar fotografias coloridas com as câmeras da empresa.



FIGURA 2 – PRIMEIRO ANÚNCIO DE CÂMERA DA KODAK
FONTE: Nemes, 2014.

Após a popularização da fotografia colorida por meio de processos avançados, seus preços foram ficando cada vez mais acessíveis a outros públicos. A próxima grande evolução

das fotografias veio por meio da técnica digital. Entre os benefícios trazidos por esta mudança pode-se mencionar a possibilidade de visualizar a imagem antes da impressão, do ilimitado número de fotos que podem ser clicadas, dos baixos custos para impressão etc.

2.2 O CONTEÚDO DAS IMAGENS: CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA

Dada a popularização da fotografia e sua contribuição para memória, visto sua capacidade de registro, práticas profissionais como o Jornalismo e a Publicidade se apropriaram do uso da imagem no processo de comunicação. O mesmo ocorre na produção de outros produtos editoriais, como o livro didático, objeto de estudo deste trabalho. No entanto, compreender estes usos e as intencionalidades no processo comunicativo passa a ser também um desafio, uma vez que verificada a importância da fotografia na transmissão de ideias para sociedade moderna e contemporânea. Uma das possibilidades de compreender este fenômeno, por sua vez, vem da Semiologia e da Semiótica.

Não é possível afirmar que Semiologia e Semiótica são sinônimos. No entanto, de modo simplista, pode-se dizer que ambas possuem algo em comum: estudam os signos.

Cunha e Cavalcanti (2008) afirmam que o termo Semiologia foi criado por Saussure para indicar a ciência que estuda a vida dos signos no meio da vida social. Ela instruirá o que os signos consistem e que leis os regem. Segundo os autores é o estudo dos sinais e símbolos. Ao recorrer a outro pensador do tema, Roland Barthes, afirma que este inverte a definição saussuriana a entendendo como uma translingüística que examina todos os sistemas sógnicos reportáveis às leis de linguagem.

Para Santaella (2007) a Semiótica “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por meta o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. Peirce (1995, p.49), afirma que:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen.

Citando como exemplo a fotografia, Pierce (2005, p. 85) afirma também que:

o substantivo próprio se aproxima tanto da natureza de um Índice que isto deveria bastar para dar ideia de um Índice informativo. Exemplo melhor é uma fotografia. A mera impressão, em si mesma, não veicula informação alguma. Mas o fato de ela ser

virtualmente uma secção de raios projetados a partir de um objeto conhecido sob outra forma, torna-a um Dicissigno.

A Semiótica e a Semiologia possuem abordagens extremamente diferentes. Saussure buscou demonstrar em sua abordagem na França a semiologia intensificando a linguística enquanto ciência. Já Peirce, em sua abordagem na América, busca a semiótica para responder melhor a questão das bases fenomenológicas que são as matrizes linguagens.

No Brasil, uma das principais estudiosas da Semiótica peirciana, Lúcia Santaella, se dedicou a estudar estas matrizes de linguagem.

A Semiótica a partir desta perspectiva das matrizes linguagens contribui para este trabalho ao apresentar uma abordagem rigorosa para a fotografia, permitindo analisa-la a partir de um quadro referencial consistente, de forma a compreendê-la nos seus contextos de representação e comunicação, como, por exemplo, no livro didático.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa é necessário identificar as diretrizes e os procedimentos que estão sendo utilizados para nortear sua condução. Esta seção apresenta elementos como a caracterização da pesquisa e suas etapas.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa podem ser compreendidos em duas etapas, conforme mostra a figura 3:

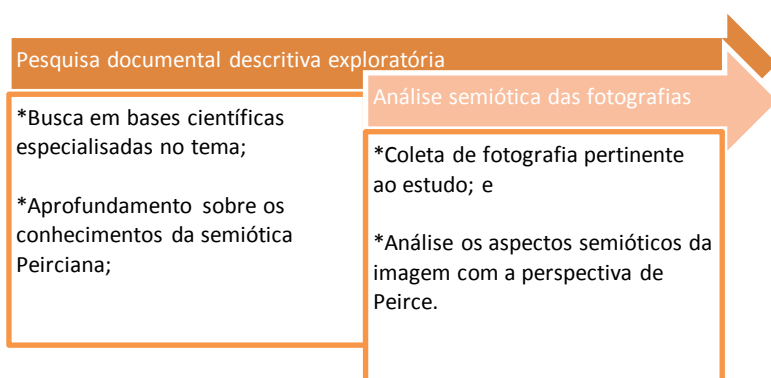


FIGURA 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
FONTE: Autora, 2015.

Tendo isto em vista, é preciso pontuar que a pesquisa possui um caráter documental descritivo exploratório. Gil (2002,p.41) afirma que pesquisa exploratória tem como “objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a

constituir hipóteses”. Este tipo de pesquisa nos leva a aprimorar ideias ou a descobrir intuições. Logo, torna-se importante para este estudo haver levantamento bibliográfico, entrevistas, análises de exemplos, entre outros. Métodos neste sentido são de grande valia, pois permitem a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Objeto desta pesquisa, o livro do Projeto Coopera define em suas legendas nove tipos de ilustrações distribuídas nas quatro unidades, como mostra o quadro 2:

Tipo de ilustração	1 unidade	2 unidade	3 unidade	4 unidade	Total	%
Fotografias	15	34	26	21	96	67,13
Pintura	12	4	0	1	17	11,88
Charges	2	7	5	2	16	11,18
Publicidades	1	2	5	0	8	5,59
Mapas	2	0	0	0	2	1,39
História em quadrinhos	0	0	0	1	1	0,69
Gráfico	0	0	0	1	1	0,69
Arquivo	1	0	0	0	1	0,69
Gravura	1	0	0	0	1	0,69
TOTAL	34	47	36	26	143	100,0

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE ILUSTRAÇÕES NO LIVRO PROJETO COOPERA
FONTE: AUTORES, 2015.

Constata-se com esse quadro a relevância das fotografias no livro didático, as quais serão analisadas a partir da Semiótica pierciana. Com base nas definições de semiótica já apresentadas, precisa-se compreender o percurso para a aplicação da Semiótica. Sendo assim, Santaella (2005, p.29-30) afirma que:

O primeiro olhar que devemos dirigir a eles é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos. Desautomatizar tanto quanto possível nossa percepção. Auscultar os fenômenos. Dar-lhes chance de se mostrarem. Deixá-los falar. Para Peirce, essa capacidade contemplativa corresponde à rara capacidade que tem o artista de ver as cores aparentes da natureza como elas realmente são, sem substituí-las por nenhuma interpretação. Nossas interpretações vêm sempre muito depressa, sem nos dar tempo para simplesmente nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta. Essa candidez intelectual nos disponibiliza para as primeiras impressões tanto sensoriais quanto abstratas que os fenômenos despertam em nós.

Em nível de análise, a atenção deve-se voltar apenas para o fundamento do signo em si. Deve-se fazer certo esforço para ignorar todos os outros aspectos do signo, tanto sua relação com o objeto como com o interpretante. Depois da análise do fundamento, pode-se passar para a análise do objeto do signo. Nesta etapa deve-se analisar que a relação do signo com o objeto é à capacidade de referencial ou não do signo. Deve-se considerar, então, que o signo tem dois objetos: o dinâmico e o imediato. Dando sequência à análise, deve-se verificar o processo interpretativo em todos os seus níveis, pois é só nesta relação com o interpretante

que o signo completa sua ação como signo. Santaella (2007, p.34-35) a respeito do percurso dos signos afirma que:

A primeira espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto qualitativo do signo, apenas sua face de qualisigno. [...] A segunda espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto existente de um signo, isto é, o sin-signo. [...] A terceira espécie de olhar que devemos dirigir ao fundamentado do signo é aquela que leva em conta a propriedade da lei, o legi-signo como fundamento.

Com isso, para a aplicação da análise semiótica neste trabalho é utilizada a metodologia desenvolvida por Santaella (2005), por meio da técnica de decomposição dos signos e identificação da tríade de Peirce, analisando, assim, o signo, interpretante, objeto e suas derivações. A figura 4 demonstra este percurso:

1. Abrir-se para o fenômeno e fundamento do signo por meio de suas características com relação a si; qualisigno, sinsigno, legissigno.
2. Explorar o poder sugestivo indicativo e representativo do signo por meio do objeto, subdividindo em dinâmico e imediato.
3. Acompanhar os níveis interpretativos do signo por meio do interpretante, subdividindo em dinâmico, imediato e final.

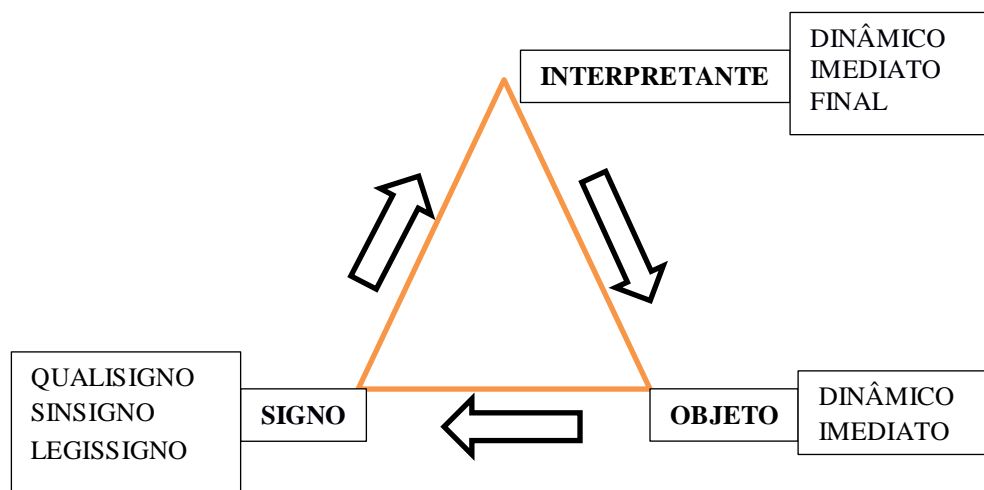


FIGURA 4 – TRÍADE DE PIERCE
FONTE: ADAPTADO DE PIERCE, 1995

Para compreender melhor a figura acima, no entanto, é preciso apresentar os conceitos fundamentais para esta análise, presentes na esquematização acima:

Signo é aquilo que representa algo para alguém. Dirigindo-se a alguém, e criando algo na mente dessa pessoa. Um signo similar ou talvez mais desenvolvido. O signo com relação a ele mesmo pode-se subdividir em três: (1) qualisigno, uma qualidade que é signo;

(2) sinsigno, que abrange um existente singular.(3) legissigno, um signo que é lei, geralmente arbitrário.

O Objeto possui duas subdivisões: (1) dinâmico, o objeto como o próprio signo o representa; (2) imediato, o objeto como está representado.

Já o Interpretante pode ser: (1) imediato, aquilo que o signo produz na mente interpretadora;(2)dinâmico, aquilo que o signo produz de efetivo em cada mente singular;(3)final modo como qualquer mente reage ao signo.

4 SEMIÓTICA APLICADA: ENSAIO DE UMA ANÁLISE FOTOGRÁFICA

Para exemplificar melhor a semiótica aplicada à análise do objeto de pesquisa deste trabalho, utilizou-se a fotografia 3, abaixo, presente na abertura da unidade 4 do livro do Projeto Coopera. A imagem de autoria de Gonçalves, 1968, mostra a Passeata dos Cem mil ocorrida no centro do Rio de Janeiro contra a ditadura militar. A marcha começou às 14 horas, com cerca de 50 mil pessoas. Uma hora depois, esse número já havia dobrado.



AUTOR: Gonçalves,1968.

FOTOGRAFIA 3 – PASSEATA DOS CEM MIL
FONTE: LUCCI; BRANCO, 2014.

A passeata organizada pelo movimento estudantil contou com os estudantes, artistas, intelectuais, políticos e outros segmentos da sociedade civil brasileira, como mostra a imagem. Até então, esta ação é considerada uma das maiores e mais expressivas manifestações populares da história brasileira. Ela ocorre durante regime militar no Brasil, que teve início no dia 31 de março de 1964, com um golpe de estado por meio do qual os

militares tomaram o poder no governo do João Goulart, que havia sido eleito vice-presidente de forma democrática pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Para análise da fotografia apresentada no livro, recorre-se, neste trabalho, à tríade pierciana: signo, objeto e interpretante. Assim, o significado presente na imagem e no seu contexto de uso no livro poderá ser compreendido a partir desta divisão tricotômica.

Passando finalmente para aplicação destes conceitos para análise imagética, é preciso compreender a fotografia de Gonçalves como um signo capaz de produzir efeitos interpretativos na mente do leitor. Deste ponto de vista do signo, pode-se apreender três características:

1. **Qualissigno** - as diversas pessoas na rua, os cartazes com escritas de indignação, as mulheres aparentemente bem vestidas, de mãos dadas em destaque na foto e a cor da fotografia preto e branco têm o poder de sugestão, dando à fotografia a qualidade de qualissigno.
2. **Sinsigno** - O segundo fundamento está em seu caráter enquanto existente, o fato da fotografia mostrar diversas pessoas com as mãos erguidas empunhando cartazes e mulheres de mãos dadas na primeira fileira indica uma manifestação na qual todos unidos lutam por um objetivo comum. Isto dá a propriedade de sinsigno à fotografia.
3. **Legissigno** – Está nos seus aspetos de lei. Esta fotografia faz parte de diversas fotografias históricas apresentadas no livro Cooperando do quinto ano de história. Com isso, ela faz parte da generalidade do livro dando a ela a propriedade de Legissigno.

O signo também pode apresentar relação com seu interpretante, sendo caracterizado como rema dicente e argumento. Em se tratando da relação do signo com seu objeto, a manifestação (passeata dos cem mil), o signo pode ser caracterizado como ícone, índice e símbolo.

Já do ponto de vista do objeto, este pode dividir-se em dinâmico e imediato, da seguinte forma:

1. **Imediato** – como objeto imediato têm-se pessoas bem vestidas caminhando em uma manifestação.
2. **Dinâmico** – como objeto dinâmico pode-se observar que são artistas e intelectuais da época caminhando em uma passeata contra a Ditadura Militar no Brasil.

Por fim, do ponto de vista do interpretante pode-se apresentar uma divisão em imediato, dinâmico e final, como apresentado a seguir:

1. **Interpretante imediato** – de modo imediato observa-se na fotografia uma manifestação por meio da multidão reunida e dos diversos cartazes com dizeres de indignação. Pelas roupas e pela cor preto e branco pode-se verificar que é uma manifestação entre os anos 60 e 70.
2. **Interpretante dinâmico** – esta fotografia só poderá ser compreendida de maneira mais afunda por um historiador ou pessoa que tenha conhecimento sobre a passeata dos cem mil que foi uma manifestação popular contra a ditadura militar no Brasil.
3. **Interpretante final** – irá observar que a passeata dos cem mil além de ser uma manifestação popular contra ditadura foi a Organizada pelo movimento estudantil, que ocorreu em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro, e contou com a participação desses artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira que aparecem na imagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta um estudo em andamento no Curso de Gestão da Informação da UFPR. A partir da descrição das ideias apresentadas até aqui é possível inferir sobre a importância de se analisar as fotografias dos livros didáticos infantis, pois, por vezes as imagens podem estar em descompasso com os textos que as seguem ou estarem incompreensíveis aos olhos das crianças. Representar o conhecimento por meio da fotografia para menores de idade é imprescindível que seja feito de maneira adequada, se possível, por meio de um cuidado na representação do conteúdo que leve em consideração análises críticas, como, por exemplo, as que provêm da Semiótica.

6. REFERÊNCIAS

BARTHES, ROLAND. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Lisboa: edições 70, 2010. 141 P.

BRASIL. **Dados estatísticos**: PNLD. Disponível em: < <http://goo.gl/9EZmSR> Acesso em: 25 maio 2015.

BRASIL. **PNLD**. Disponível em: < <http://goo.gl/fRmkV5> >. Acesso em: 25 maio 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 451 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 4, 2002.

KODAK. **History of Kodak**. Disponível em: < <http://goo.gl/EOs6ow> >. Acesso em: 20 jun. 2015.

LUCCI, Elian; BRANCO, Ayselmo. **Projeto Coopera**. São Paulo. Saraiva, 2014. 120p. Disponível em: <<http://pnld.editorasaraiva.com.br/obra/coopera-historia/>> Acesso em: 11 jun 2015.

MIKLÓS, Vincze. **The Strangest Tradition of the Victorian Era: Post-Mortem Photography**. Io9. 13 abr. 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/tJ33r>>. Acesso em: 20 jun 2015.

NEMES, Ana. **175 anos de fotografia: conheça a história dessa forma de arte**. TecMundo. 2014. Disponível em :< [175 anos de fotografia: conheça a história dessa forma de arte](#)>. Acesso em: 20 jun 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2005

RODRIGUES, Maryana; HEMERICH, Luana. **Dia da Fotografia**. 2014. Disponível em: <<http://www.upf.br/nexjor/?p=30758>>. Acesso em: 25 maio 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo, SP: Thomson, 2005. 104p.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007. 18 p.

SÓ HISTÓRIA. **Ditadura Militar no Brasil - 1964 - 1985**. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>>. Acesso em: 11 jun 2015.